

O RABUGENTO

PERIÓDICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES. . . 3\$000

O RABUGENTO

IV.

Passai por uma das nossas ruas; a calçada estará obstruída, os transeuntes se acotovelarão, mas um desses homens fardos, e verdadeiros fardos, porque ás vezes são bem pesados a sociedade, não se moverá do passeio. Os viandantes fazendo grandes voltas buscarão o meio da rua.

Uma família encaminha-se de encontro a um grupo de mancabos, que com grave encommodo de todos, conversão em frente á porta de uma loja e aglomerados na calçada; se ella não vem acompanhada por um cavalheiro, davidem-se elles, em dous grupos, deixando que ellas passem pelo meio, derigindo-lhes no entretanto bem duras e desenhavidas palavras. Mas se ellas são acompanhadas por um homem, nem ao menos se movem; e esse por sua parte, quando alguém mais delicado lhe dá a calçada, dando prova de fina polidez, passa altaneiro e triumphante, como se passasse por um servo, sem ao menos levar a mão ao chapéo; como se houvesse naquello que é tão attencioso uma obrigação immediata. Isso prova que d'uma e outra parte, falta-nos esse caprixo de fina educação: salvo raras excepções, fallamos no geral.

Estes, deixam que damas distinctas e honestas, atravessem á rua, quase sempre cheias de lamas, para poderem transitar e só com o fim de não se encommoarem. Aquelle deixa de cumprir com um dever de civildade, agradecendo a quem foi delicado e attencioso com elle. O que prova que o povo ignora os seus deveres sociaes.

Não queremos aqui, apresentar o indifferentismo de alguns, ou antes o pouco amor á sua educação, como costume e uso nosso.

Apresentamos sómente os factos como continuadamente se dão, e dos quaes, esses mesmos que os praticam, se reflectissem um pouco sobre elles, não deixariam de envergonharem-se, e de com cautella evita-los.

Todos desejam ser bons; e tanto assim é que não ha homem algum, que embora fazendo ostentação de sua maldade, não tenha immensas occasiões de revelar o seu amor á bondade, occultando-se sob essa mesma capa; o que faz que á falta seja maior, porquanto desaparece a lealdade.

Não ha homem tão máo, que creado em uma boa sociedade, (a não ser uma aberração da natureza); a fatalidade o leve a ser totalmente máo; enquanto estiver no seio della, sempre rodeado de bons elementos. Salvo se passou a ser conviva de outra sociedade, onde o vicio se desenvolva. Porque então, assim como ha melhores comprehensões para o bem, assim tambem pôde haver quem mais depressa se corrompa.

O homem em geral é dotado de sentimentos nobres; tem amor proprio, faz ostentação de algum dote natural. E' isso o que chamamos vaidade.

Ora se o homem fór bem encaminhado, e tiver a cautella de vigiar sobre si mesmo, e observar, procurando imitar os bons, isso só bastará para se tornar bom.

Chega-te aos bons e serás um delles.

Todo o homem tem vaidade, orgulho e amor proprio. Isto é, o homem não pervertido.

Ora nenhum destes tres sentimentos, constituem na sua totalidade um defeito, e pelo contrario ás vezes felizmente são uma virtude. O caso está em saber fazer applicação desses sentimentos.

A vaidade do bem, é uma garantia da virtude; o orgulho nobre é virtude, e o amor proprio, quando bem comprehendido, é uma garantia da dignidade; e a dignidade é por si só uma virtude.

O homem pôde pois, aprender consigo mesmo á ser bom.

Não achaes ridiculo, joved sensate, á falta de respeito com que alguns de vossos colegas tratam a seus companheiros?

Paraí em um lugar e esperai, virá um imprudente armado de de um charuto ou cigarro, ás vezes ou quasi sempre bem máo, e de péssimo cheiro, e com elle na boca vos dirigirá a palavra, e o fumo desse, para vós novento, quanto para elle apreciavel rolo, será todo impregnado na vossa face. Ella ficará por algum tempo rescendendo esse pudrido cheiro que tanto vos encommoda, e que elle se mais cuidadoso fosse evitaria.

Ha certos deveres, que não nos sendo impostos pela sociedade, nós os devemos voluntariamente seguir; por amor de nós mesmos, e em respeito e vantagem propria.

Se não quareis ser encommoado, deveis ter toda a cautella em não encommoado a outrem.

Se todos os que fumassem, tivessem a cautella de collocar-se, de maneira, que, ao tirarem o seu fumo, o vento não o levasse á face de quem os ouve, ou lhes falla. Não haveriam tantos incommodos.

Leitores, não inventamos factos, apenas os apontamos.

Ide a uma reunião popular, onde todos estão á vontade, e em pleno gozo de seus direitos; e de lá vireis com o vosso facto, impregnado desse maldito cheiro de fumo, e o qual durará por muitos dias.

Ora, em consciencia, não é das melhores essencias, principalmente nessas reuniões, onde todos fumam, e tudo se fuma bom e máo.

Ahi o preto do ganho com a sua ponta de charuto, que apañhou na rua, vos aromatisará a face e o facto. Ahi o medico afamado fumará o seu havana, que exhala um cheiro toleravel, mas nunca preferivel.

Não será possivel, sem grave prejuizo, extirpar esse systema, por isso, impossivel será prohibir e por meio de educação systematica; o preto e com elle outros individuos da baixa classe da nossa sociedade, que só se distinguem ou pela cor e condicção, ou simplesmente por esta ultima cousa.

Mas, aquelles que como vós, e esses medicos de quem fallo, nutrem sentimentos nobres, podeis da vossa parte, com algum cuidado (cousa aliás muito simples e facil), mudar e cohibir-vos, quanto em vós fór possivel, esse abuso, por meio do systema civilizador.

Outro abuso ainda apontamos:

Temos visto reunidos, dentro de uma loja, conversando, uma porção de homens, e por entre gritos e gargalhadas, deixarem

escapar phrases deshonestas, e que as familias, que passam, as ouvem perfeitamente, e ás quaes, se vão quebrar batendo de encontro á moral.

O que prova isto, é que o povo não comprehende as vantagens que vem dos bons habitos, pela falta de educação.

Educai o povo e será mais facil governat-o.

O povo forma uma grande familia; e assim como pelo membro de uma familia, se pôde julgar da educação e fraqueza de seu chefe, assim também pelo povo, se pôde conhecer a fraqueza do seu soberano, ou dos que em seu nome governam. Ao menos os estranhos pensam assim; e pensam bem.

MISCELLANEA.

O paquete inglez chegado da Europa foi portador de noticias agradaveis.

Portugal acaba de unir-se mais uma vez á Italia pelo casamento de el-rei D. Luiz I. com a filha de Victor Manoel, D. Maria da Saboya.

A rainha de Portugal reúne em si os principaes dotes da natureza. Bella e virtuosa deve fazer a felicidade de seu esposo, tornando feliz um povo verdadeiramente liberal, e que na felicidade de seu soberano vê a sua propria. Possa ella com seus carinhos e affagos adoçar as amarguras com que principiou o reinado de D. Luiz I., e annuar-lhe a vencer as difficuldades do futuro.

As demonstrações de regosijo de que mostrou estar possuido o povo portuguez pela chegada de sua nova soberana, é uma prova irrecusavel de que ha de ser muito feliz o reinado de D. Luiz I. Desejamos que essa felicidade não seja momentanea como foi a de seu illustre irmão o Sr. D. Pedro V.

D. Maria da Saboya ao deixar, para sempre talvez, a sua patria, para ir ao encontro da felicidade que lhe preparavam em Portugal, não pôde, comtudo, entre a dôr de separar-se de sua augusta familia, e o prazer de ir ser a saberana dos portuguezes, deixar de lembrar-se daquelle que, de mãos dadas com a providencia, depositára na cabeça de seu augusto pai a corôa do reino da Italia. A princeza pediu nessa solemne occasião amnistia para Garibaldi, o que lhe foi concedido, apezar de ir de encontro á vontade dos inimigos do illustre presoneiro.

O pedido da filha de Victor Manoel venceu entre os desejos que este notria de amnistiar Garibaldi, e a vontade daquelles que invejando a gloria desse illustre patriota, queriam que a sua vontade prevallêcesse á de um povo inteiro.

Felizmente para os italianos, o horisonte da italia, vai clareando um pouco. Napoleão III parece começar a comprehender que é impossivel oppôr-se por mais tempo a que Roma seja a capital da Italia.

A MENDICIDADE.

E' quasi inacreditavel a quantidade de mendigos que existe no Rio de Janeiro!

Nestes ultimos tempos como que a miseria tem-se multiplicado espantosamente.

Não ha um alpendre, não ha um só recanto nesta cidade, onde a mendicidade não estenda a mão aos transeuntes, com os traços mais horrendos que soe emprestar-lhe a miseria!

E no entanto o que tem feito o governo?

A resposta é sempre uma e a mesma:

— Nada, absolutamente nada!

Ao passo que alguns presidentes de provincias têm recebido grandes subsidios, na remoção em que constantemente andam; ao passo que ministros delapidadores houveram que usufruiram o suor deste pobre povo, a mendicidade extorce-se nos seus paroxismos!

E o governo sempre impassivel ainda não se lembrou de crear um asylo! Dizemos isto, porque estamos convencidos que, uma cousa que ahi existe ou existio com esse nome, não se presta a esta tão urgente necessidade.

Cremos que, por nossa propria diguidade, pelo nosso decoro e para vergonha dos homens que ha tanto tempo fizeram do governo uma especulação, é tempo de nos mostrarmos dignos do nome que possuímos, tanto mais quando o vicio, muitas vezes, escondendo o rosto hediondo nas côres tristes da miseria, toma proporções assustadoras e acaba por infeccionar uma sociedade inteira!

FABULAS.

O CHAPÉO E A CASACA.

Disse o chapéo á casaca:

— Eu do que tú sou melhor;
Pois cubro a parte mais bella,
Do corpo de meu senhor. —

Responde a casaca: « amigo,
Suppões que a tua valia,
Está em cobrir a parte,
Que o homem mais aprecia? »

« Pois guarda lá teu valor,
Arriscado como estais;
Qu'a todo o momento tombas,
E parar na lama vais. »

« Enquanto eu, estimada,
Porque infundo respeito;
Elle do corpo me tira,
Com todo cuidado e geito. »

« Inda mais, o meu valor,
Vem do preço que me dão,
E esse de que te ufanas,
Vem d'elle, mas de ti não. »

MORALIDADE.

Pela posição que occupam,
Quanto se julga assim?
Não sendo seu o valor,
Nada valendo por fim?!

Isolados do lugar,
Como no canto um chapéo;
De serem pobres viventes,
Levantam as mãos ao céu.

O CAVALLO E O CARNEIRO.

Disse o cavallo ao carneiro:

— Amigo, noto que tú,
Por onde comes, o campo
Fica totalmente nú?!

— Com tanta certeza apanhas,
O capim tão reute ao chão;
Que enches logo a barriga,
Causando admiração! —

Diz-lhe o carneiro: não notas,
Que enquanto na estrebaria,
Comes tú na mangedora,
Tenho a barriga vazia?!

« Então nem em mim attentas,
Que em roda de ti andando,
D'aquillo que tú desprezas,
Mal me vou alimentando. »

« Se lá a tua vantagem
Está em seres maior;
E' aqui a desvantagem,
Pequeno, como melhor. »

MORALIDADE.

O' vós, senhores, que olhaes,
Mal, p'ra quem debaixo está;
Aproveitai a lição,
Que aqui a fabula vos dá:

Porque se por sermos grandes
Temos vantagem presente,
Tempo virá que o tamanho
Nos fará mais dependente.

H. H. COUTINHO.

POESIAS.

EU NÃO TE POSSO AMAR....

Meu corpo veste luto, e neste instante,
Minha dôr é maior: — me rouba a vida!
Este mundo de gosos não me serve,
Minh'alma é só feliz á sua unida!

O meu corpo de luto se vestiu!
Me vejo, e sinto, recrescer a pena!
A minh'alma a esta vida não pertence;
Eu não te posso amar gentil morena!

Folguei, vivi com ella satisfeito:
Amor como eu senti, quem o sentio?!
Vôou á eternidade; em sua ausencia,
A minh'alma de luto se vestio!

A vi, perdendo a vida lentamente,
N'um suspiro, d'amor fechar a scena!...
A' dôr fiquei entregue, ella sem vida;
Como agora te amar gentil morena?!

Amanhã dar-te-hia a ti unido,
O luto de qu'esta alma se vestio!
E sem poder-te amar, buscar em balde,
A mulher que inda amo e que fugio!

Fui um louco, meu Deus; os teus decretos.
Busquei contrariar, mudando a pena,
Que me destes, Senhor, do soffrimento,
Vi-a fugir de mim leda e serena!

Busquei-a a todo instante, allucinado;
A tive junto a mim. — Mas causo dô....
Porque, quando a quiz prender nos braços,
Fugio-me! era do céu! achei-me só!

Agora, o que me resta nesta vida?!...
Procurando explicar este mysterio,
Heide louco, vagando neste mundo,
Ir buscar meu amor n'um cemiterio!...

Ah! fogo de mim, tu que és do mundo;
Ah! fogo de mim; de mim tem pena!
Se — Ella — me fugio, hoje te amando,
Tu tambem fugirás bella morena!

Meu amor acabou; fugio com ella;
Deixa-me em paz, eu quero viver só!
Tem dô do pobre louco: — vive e gosa:
Para ontro guarda amor, para ella dô!...

Minh'alma veste crepe, a tua purpura;
A vida para ti corre serena;
Eu sou um desgraçado; és tu ditosa;
Eu não te posso amar, gentil morena!...

Fevereiro de 1862.

H. H. CORTINHO.

ANONYMAS.

A. H.

Quanto padeco que diga
O tecto amigo em que moro
Amor a quanto me obriga,
Que diga o pranto que choro.

Quanto te quero nem pensas
Mulher querida e sublime
Nem as palavras bem dizem
Nem o olhar bem exprime.

Quanto supporto calado
Que diga minha tristeza
Qual o meu presente estado
De ti distante, belleza.

Porque não queres, mulher
Me vir salvar, me dar vida
Vem trazer paz a meu peito
Sê minha mulher, querida.

A mais justa das paixões
Que a inspiração não exprime
De ti emana, donzella,
Torna meu canto sublime.

Por ti cantando padeco
Por ti a chorar eu gozo
Em ti meu damno conheço
Em ti encontro repouso

Vem salvar-me, tu que podes
Dar vida a quem vai morrer
Comtigo soffrendo vivo
Sem ti não posso viver.

A' . . .

Nessa candura que diviso ás vezes
Desses teus labios em terno sorrir;
Quantos desgostos não descubro nella,
Não tendo eu força para os impedir?

Mal sabe o mundo que constantemente
Pela apparencia nos quer só julgar!
Que n'um sorriso que dos labios parte
Se occulta ás vezes amargo pezar! . . .

Das fallas meigas que obrigados somos
A proferir em bondosa calma;
Quem dirá que ellas sempre occultam
A dôres lentas que padeco a alma?

Mas nesse mundo d'illusões douradas,
Tudo se occulta em duvidosas gallas;
Tú vais morrendo d'agonias lentas,
Tudo encobrendo em mentirosas fallas.

23 de Outubro de 1862,

RIVERA.

MOTTE A' PREMIO.

Paixão de amor o que é?

RATICES DA SEMANA.

Os donos do *Rabugento*, que, sem offensa ás suas pes-
soas e á grammatica, se poderiam chamar tambem donos
da *locanda*, hão consentido que o *Tinoco* e o seu *compa-*
dre, o *compadre* e o *Tinoco*, dirijam amabilidades um ao
outro neste lugar que deveria ser destinado ás cousas serias,
não obstante o titulo que *fulgura* no alto. Deve-se esta
falta de delicadeza para com os assignantes do periodico, á
variedade dos escriptores das *Ratices*. Se apenas um se hou-

vesse encarregado da collaboraçaõ desta parte, não viria eu hoje notar aqui, aquillo que outro terá talvez de me censurar, e com duplicada razão, visto que *não sou cá da frequentia*. Como, porém, consentiram um intruso com todas as honras dos que o não são, tenho o direito de gritar na casa alheia, o que é natural a todos os intruzos, nas minhas circumstancias. Faço estas considerações autorizado pelos procedentes, e porque terei de gozar com toda a liberdade das regalias concedidas ao *Tinoco* e ao seu compadre. Entretanto, não porei ponto nesta parte das *ratices*, sem declarar que o exemplo da chronica (que não são *ratices*) escriptas por varios, vem de cima, e o que vem do alto deve satisfazer os que andam por baixo. *Nasce de cima a corrupção dos.... rabiscadores.*

Foi extreme de acontecimentos a semana.

O paquete, que trouxe, como sempre, novidades, veio pôr em movimento a população portugueza do Rio de Janeiro, com a noticia do casamento do seu monarcha. Cuidavam alguns ver reflectir-se cá o enthusiasmo que tal consorcio provocou em Portugal, eutretanto limita-se a festa a um *Te-Deum*, que se ha de celebrar amanhã, na matriz do Sacramento. A commissão encarregada da festa, apesar da importancia de dous dos seus membros, julgam prudente contentar os padres e os armadores, aos primeiros alim de não provocar alguma excomunião, aos segundos para fazer jus a algumas *baetas* mais quando a morte (tarde venha ella) os chamar a contas. Assumindo, porém, a gravidade que o assumpto requer, creio que a commissão poderia ter conseguido mais alguma cousa se tomasse com enthusiasmo o encargo da demonstração.

Como não ha *convites especiaes*, e a entrada no templo é permittida aos que se apresentarem decentemente vestidos, lá estarei no domingo, com a minha casaca mais apurada, para vêr a festa, que um dos membros da commissão affirmar corresponder à grandesa do lugar e do fim que se tem em vista.

Publica-se nesta cidade, um jornal que se diz órgão dos portuguezes (elles que lhe respondam), o qual em um dos ultimos numeros, descrevendo o espectáculo promovido pela sociedade *Amante da Monarchia*, faz uma pergunta indiscreta, a que eu responderia se valesse a pena. No entanto cumpre-me observar-lhe que ha certas liberdades que não ficam bem aos que as tomam, mormente quando a *elegante penna* do escriptor não sabeguardar as conveniencias. Felizmente, no pequeno circulo que percorre esse jornal, deve ter passado despercebida semelhante pergunta. E' jornal que se lê por desenfado, e isto basta. Eu leio-o para admirar a grammatica. Discute-se ha tanto tempo sobre grammatica, e os contendores ignoram que no mencionado jornal é ella comprehendida magistralmente!....

E' incrível o grande numero de analysadores grammaticaes que tem apparecido ultimamente.

Qualquer *quidam* possuidor de superior instrucção adquirida na escola da aldeia e de que tem dado provas sublimes em estylo difficil e castigado, e proprio de sua basta

intelligencia, apresenta-se a criticar os humildes escriptos daquelles que se acham muito destacados da esphera litteraria em que elle gyra. Pobre lingua portugueza! O que são os escriptos de João de Barros, Camões, Garrett, Alexandrs Herculano e outros, a par das obras destes modernos autorees de MENSAGENS e versos para ballas de estalo.?

« Na terra dos cegos quem tem um olho é rei. »

A redacção do *Merrimac*, transcrevendo a noticia que o *Tinoco* deu desse jornal, reclama contra o final em que elle dizia que o « seu fim era combater o papa e os cardeaes. » Com prazer registro aqui essa reclamação, e, restabelecendo a verdade, faço constar aos leitores que o *Merrimac* foi creado com o fito de pugnar pelo desenvolvimento agricola e commercial, especialmente do municipio em que se publica.

O errar é dos homens, e por isso não admira que o *Tinoco* humilde chronista de um humilde jornal, errasse, porque o gigante da imprensa periodica brasileira, dando noticia de uma das trovoadas que ultimamente se deram nesta côrte, disse ter cahido um raio no vapor *Amazonas* e quebrado o mastaréu de prôa, quando o objecto damniificado pelo raio foi o láes da verga de joanete de prôa. A differeça é pequena.

Isto prova que o *Jornal* não tem na secretaria da marinha tão bons informantes, como na do imperio.

Os theatros offereceram pouca variedade.

Deu o *Gymnasio*, a — *Vingança*. — Agrada pela linguagem, porque Camillo Castello Branco e Biester, entendem do riscado; mas quanto á acção e aos caracteres não satisfazem o espectador. O desempenho não esteve na altura dos actores que representaram o drama. Na minha opinião o unico que se destaca é o Graça. Reis e Adelaide.... silencio!

O *Atheno* está em férias. E' um corpo que tem vida, mas a que não anima a concorrência do publico. E com tanta vida ha de morrer, para triumpho eterno dos papalvos, e felicidade dos invejosos. Se eu pudesse rir daquelles e apapar estes!

S. Pedro.... horresto refens!... Este tem vida ficticia, e ficticiamente vai emballando o publico. Promette uma *romaria*. Tem razão. São tantos os seus peccados, que deve fazer penitencia. Se o publico fosse eu, deixava só aos actores os trabalhos da romagem. Talvez que por este modo não tivessem de morrer impenitentes. Mas pelo caminho que levam, agouro-lhes todas as penas dos dramas que representam. Hei de solicitar do papa uma inquisição para os máos actores.

A decifração do anagramma publicado no n. 8, é: — *Parto para Londres em Maio.*

Typ. do DIARIO DO RIO, rua do Rozario n. 84.